



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

Pequenina!

Por GRACIETTE BRANCO

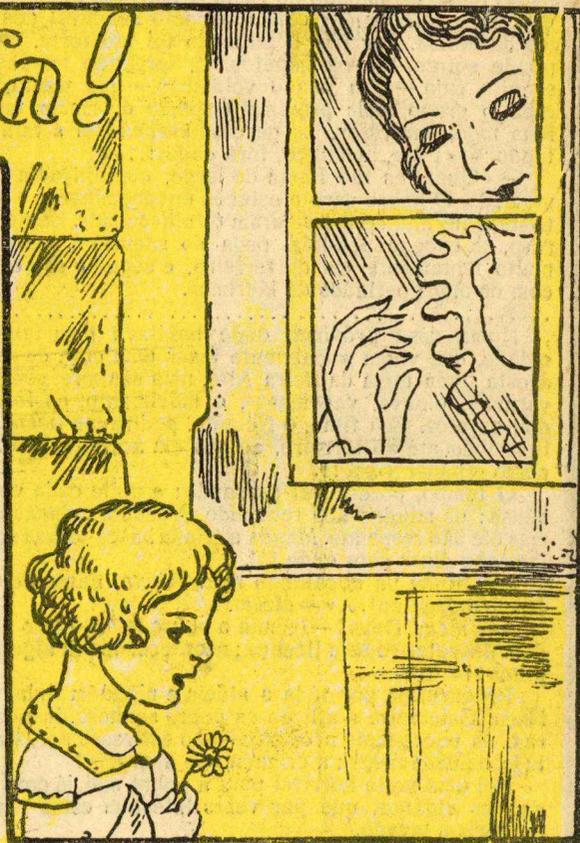
PEQUENINA!... Quando passa
para a Escola, olhar no chão,
fico a vê-la da vidraça...
Digo-lhe adeus com a mão...

Ninguém conhece, nem olha...
Mas acho-lhe tanta graça!
Vai tôda novinha em fôlha...
Fico a vê-la da vidraça...

Não entende o que é ser triste;
traz sempre consigo a Aurora...
Não sabe que a Noite existe,
porque dorme a essa hora.

Só tem olhos para o Sol,
para a luz e para o dia...
Nunca ouviu o rouxinol,
só entende a cotovia.

Tem um ar tão inocente,
rescende tanta candura,
que dir-se-ia ser diferente
de outra qualquer criatura.



Tem dois palmos... — que sei eu! —
vista ao longe, assim, de frente;
mas chega a tocar o céu
no recorte do horizonte.

Pequenina!... Quando passa
para a Escola, olhar no chão,
fico a vê-la da vidraça...
Digo-lhe adeus com a mão!

F

I

M

Quem dá aos pobres...

Por EUGENIO MADEIRA

NAQUELA pequena e encantadora aldeia, nas noites cálidas de verão, reunia-se a garotada no terreiro, jogando ao eixo, ao pilha, ou entregando-se a toda a casta de divertimentos, entre eles o de socarem-se valentemente, «por dá cá aquela palha.»

Nessa noite, lá estavam todos, como habitualmente; e quem bem reparasse notaria, um pouco afastado desses grupos, olhando avidamente com olhos cobiçosos esses folguedos, um garotinho esfarrapado, tendo estampado no rosto o estigma da mais negra miséria, contrastando com o aspecto saudável dos garotos da aldeia. Por fim, a tentação foi tão forte, que não pôde soffrer-lhe os impetos. E, largando no chão um saquito sujo,—bem pouco volumoso,—que trazia, corre para o grupo mais próximo, dispôsto a brincar também. Mas logo, surpresos, os garotos suspendem a faina, gritando:—«Fôra, achadiço, fôra daqui!...»

—«Quem és tu? Passa de largo, que ninguém te chamou cá.» O pobre garoto estacou envergonhado; e de uma tristeza infinita se lhe velaram os olhos azuis. Então, vagaroso, a cabeça pendida, pega no saquito e, lentamente, muito lentamente, sai do terreiro, e segue o seu caminho com os olhos perlados de lágrimas.

.....
 Numa casa próxima, onde habitava uma família da cidade, que vinha anualmente fazer uma cura de repouso a esta linda terra da Beira Alta, uma senhora, sentada na varanda, olhava, vagamente, o movimento, os folguedos dos garotos. Seu filho, o Néquita, pedira-lhe licença para ir também até ao terreiro, ao que ela acedêra, visto estar perto e poder vigiá-lo.

O tempo, porém, vai passando; e a noite cada vez mais densa; os miudos vão retirando. A senhora chama o Néca mas êle não responde. Manda a criada buscá-lo mas ninguém lhe sabe dizer para onde foi.

—«Ainda há bocadinho aqui estava, antes de chegar aquele achadiço!...»—dizem.

—«Meus Deus!—(gemia a pobre mãe.)—Não é hábito dêle ausentar-se sem licença; acontecer-lhe-ia alguma desgraça!?»

Procuraram por toda a aldeia e ninguém tinha visto o Néca. Calcule-se a aflicção da pobre senhora. Inspeccionaram os poços mais próximos—não estivesse por lá caído—tudo baldadamente; a criança não aparecia!

Foi uma noite horrível para a pobre mãe, já convicta de que os ciganos, que por vezes infestam estas paragens, lho teriam levado.

O seu Néquinha de negros cabelos anelados, de grandes olhos tão meigos e profundos, que deixavam vêr até ao fundo da sua almazinha tão branca, que nunca saíra de junto da sua mãizinha, e agora... Vê-lo-ia mais?! Voltaria



a sentir os seus bracinhos nervosos em volta do pescoço, como quando ia deitá-lo, tôdas as noites, na sua alva caminha?

.....
 Quando os primeiros alvôres da madrugada, polvilhavam de prata os vidros das janelas, trazendo com a sua luz bendita um pouco de esperança à alma alcançada da pobre senhora, ouviu-se, próximo da casa, um alarido, e gritos furiosos.

—«Maldito! Maltrapilho! foste tu, ladrão!...»

—«Olha quem foi!... o que me rouba os figos!»

—«Ah! malandro, espera que eu te côço!...»

A mãe do Néca, louca de ansiedade, o coração em sobressalto precipita-se para baixo e nada mais vê!

Junto do pequeno miserável, depara o seu filho querido...

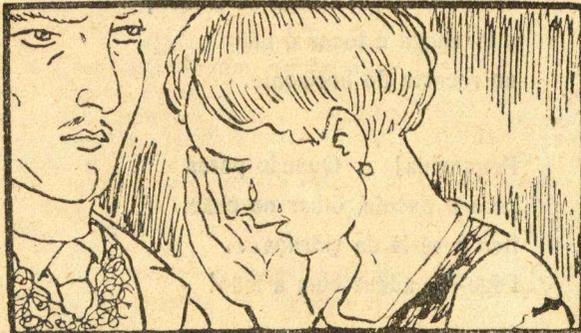
Tem-o nos braços, emfim! Chora, louca de alegria, apertando freneticamente ao peito, e não repara nos esforços do pequenito que deseja falar, explicar...

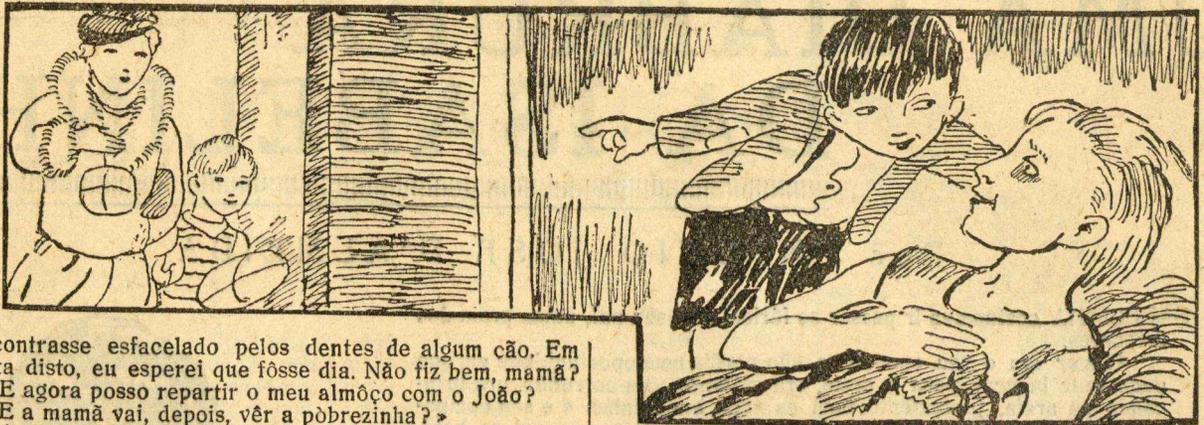
—«O pobrezinho?!...» e vendo-o:—«Mãizinha, perdão!... Eu conto, não chores; não lhe façam mal, não foi êle!»

—«Conta, meu filho, porque me fizeste soffrer assim?»

—«Eu conto. Estava a brincar e vi aquele menino pobrezinho que também queria «entrar». Os outros empurraram-no e êle ficou tão triste, tão triste, mamãzinha, que me fez muita pena. Quando olhei outra vez, já o não vi, mas tinha cá dentro uma coisa e um nó na garganta que não me deixavam brincar.

Então, fui atrás dêle para o consolar; para lhe perguntar quem era e se, ao pé da casa dêle, não tinha meninos para brincar. Como não era ainda muito escuro, vi-o entrar no pinhal, para onde costumamos ir merendar, e como já conheço aquele sítio e os homens não devem ter medo, (disse, empertigando-se), puz-me a correr e alcancei-o. Perguntei-lhe tudo o que queria e êle respondeu-me, muito triste, que andava a mendigar porque a sua mãizinha estava ali adiante, muito doente, numa palheira que não tem dono, e não podia trabalhar para se sustentarem. Então eu, mãizinha, perdõe-me, sim? eu... eu quiz ver, para depois lhe pedir a sua protecção para êles. Mas era mais longe do que parecia... Depois, ela, a pobrezinha, não me deixou vir, assim, de noite e disse:—«A sua mãizinha, por muito que lhe custe, sempre lhe custaria mais se o





encontrasse esfacelado pelos dentes de algum cão. Em vista disto, eu esperei que fôsse dia. Não fiz bem, mamã? E agora posso repartir o meu almoço com o João? E a mamã vai, depois, vêr a pòbrezinha?»
A mãe do Néquita tomou-o, mais uma vez, nos braços e, erguendo os olhos ao céu, deu graças a Deus por lhe ter restituído o filhinho são e salvo e por tê-lo dotado com uma alma tão pura e tão caritativa.

*
* *

O pequenito, a quem os garotos da terra chamavam o «achadiço», depois de bem lavado e com o estômago reconfortado com uma boa tijela de leite e uma boa fatia de pão, envergou um fatinho usado do Néca.

Em seguida, a boa senhora ordenou a uma criada que preparasse um cêsto com provisões e puzeram-se todos a caminho do pinhal. Êste, era alguma coisa distante da povoação; mas Deus ajuda sempre quem faz bem e com o prazer que aquelas almas sentiam em praticá-lo, quási nem notaram a distância percorrida.

Ao chegarem, deparou-se-lhes o quadro mais desolador que se possa imaginar. No fundo de uma desconfortável casota que habitualmente servia de palheira, mas agora arruinada, sem telhas, achava-se uma pobre mulher bastante nova ainda, os olhos semi-cerrados, estendida no chão, coberta apenas com uns pobres farrapos. O rosto estava vermelho de febre e, a espaços, soltava gemidos angustiosos.

A voz do seu filho, abriu os olhos e fitou-os, admirada, naquela senhora tão linda, mais parecendo uma visão, que descera do céu àquele antro miserável.

A's perguntas da senhora, contou, como poudo, em voz entrecortada e febril, a sua triste história. Era simples como tantas outras!... Esta pobre mulher, casára com um garboso rapaz mas tão pobre como ela.

A vida tão difícil já, por falta de trabalho para o marido, mais difícil se tornou quando, um após outro, nasceram um menino e uma menina. O marido, desanimado, tornava-se irascível, e fugia de casa para não vêr o aspecto, cada vez mais desolador, do seu lar onde tudo faltava. E, então, um dia,— negro dia êsse para a pòbrezinha — êle abalou por essas terras, dizendo que: «ou voltaria rico, ou não voltaria mais»

E, desde então, para a pobre mulher principiou o duro calvário. O seu labôr de todos os dias pelas casas da aldeia, a-fim-de ganhar o seu sustento e o dos filhos, e por fim a filhinha já de si fraquinha que começa a definhir e um dia lhe fica inteiriçada nos braços, à mingua de recursos. Vizinhas caridosas, angariaram esmolas, para que o seu corpinho fôsse lançado à terra, num caixãozinho branco que a infeliz mãe cuidou não poder largar das suas mãos enclavinadas, como se lhe levassem o coração. Ficára-lhe o filho que, graças a Deus, prometia ser um rapagão robusto, a despeito daqueles olhos azuis e cabeleira de querubim, e que, por ser bonzinho, Aquele que é pai dos desamparados, havia de guiar pela senda do Bem, onde achariam uma compensação.

(Continua na página 6)

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Por FELIZ VENTURA

Houve grande reboliço lá na horta e no pomar, pois o coelho Magriço, doutor em teologia, mandara a nova espalhar que na tarde dêsse dia conselho reuniria para a todos escutar.

Se contentes não estavam com o govêrno de então, que dissessem, que expusessem suas queixas e razão, pois já corria o boato de que os bichos descontentes fariam revolução.

Em vistas da situação, resolveram, sem demora, fazer mobilização da bicharada em geral. E em face do caso sério, dariam a opinião se os membros do ministério, podiam continuar em todos a governar.

Dito e feito... Pela tarde, era tal a multidão que a polícia — (quatro galos bem armados de esporão) — foram, aflitos, pedir reforços ao cabo Cão.

Êste, bastante arrufado, exclama todo indignado, na sua voz de trovão: Eu já lá vou, aõ-aõ-aõ!" E põe no forte pescoço a coleira de biquinhos, afiados, redondinhos, emblema do seu poder.

Assim já bem preparado, armado de pistolo, tic-tac, rua fóra, caminhou com presunção. Chega lá e, sem demora,

(Continua na página 6)

UMA DIABRURA DA ISABELINHA

Por ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

ISABELINHA costumava ir passar as férias, com seu pai, numa praia dos arredores.

O mar era o seu encanto e não perdia uma oportunidade em que pudesse ir brincar para a praia, ora saltando, ora correndo, ora brincando na areia, juntamente com as suas amiguinhas e o seu companheiro inseparável o «Pimpão», um cão pequenino, no qual se habituara a mandar, supondo-se já uma senhora.

Desta vez, como recompensa pela sua distinção no exame, os pais resolveram partir mais cedo para a praia, satisfazendo, assim, os pedidos que, nesse sentido, Isabelinha constantemente lhes fazia.

Como quasi tôdas as meninas da sua idade, fôra muito traquinas. Por várias vezes, os pais haviam sido chamados pela professora para lhes dar conta das suas diabruras, algumas das quais, muitas vezes, seriam de más consequências se, por providência, ela não aparecesse.

É claro que, chegados a casa, Isabelinha não deixava de ouvir as recomendações do costume, e até, algumas vezes, os pais a ameaçaram de que, se não começasse a ser boazinha, não iria para a praia.

Isto fê-la pensar um pouco, e a verdade é que, na devida oportunidade, pois Isabelinha faria o seu exame dentro em pouco, ela se emendou e deixou de ser irrequieta e traquinas, para se tornar uma menina obediente e aplicada.

Feito o exame, os pais, conforme lhe haviam prometido, levaram-na cedo para a praia. Contudo, depressa esquecera as recomendações e conselhos que lhe deram, e, sentindo-se em completa liberdade, recomeçou a dar cuidados, com a repetição das suas traquinices e diabruras.

Tôdas as tardes os pais desciam à praia e, já se vê, Isabelinha acompanhava-os. A-pesar dos conselhos do costume e fartas recomendações, ela afastava-se para junto das suas amiguinhas que a esperavam sempre para brincarem juntas.

Gostava muito de molhar os pezinhos no mar. Era vê-la, aproveitando as distrações dos que a vigiavam, dirigir-se para junto da espuma das ondas e, levantando um pouco o vestidinho, saltitar sobre a água com radiante alegria e contentamento do seu «Pimpão» que, à sua volta, pulava também. Várias vezes os pais lhe recomendaram que não fôsse para a água sozinha, porque era perigoso, pois podia escorregar e a força do mar levá-la.

Isabelinha ouvia os conselhos dos pais, mas logo os esquecia e era vê-la, noyamente, na água, sem pensar nos perigos que corria. Ora uma vez aconte-

ceu o que seus pais, há muito, pressentiam e ela, desobedecendo-lhes, infantilmente, não previra.

Tornara, com o seu «Pimpão» e na companhia das suas pequeninas amigas, a abeirar-se do mar, satisfeita e contente, correndo e saltando, molhando os pezinhos.

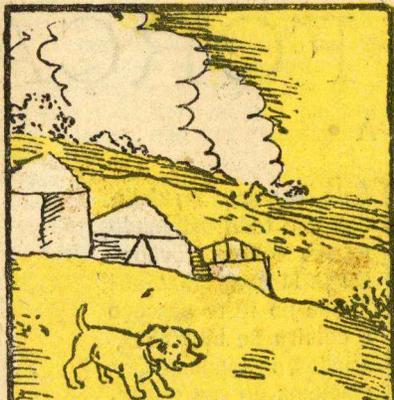
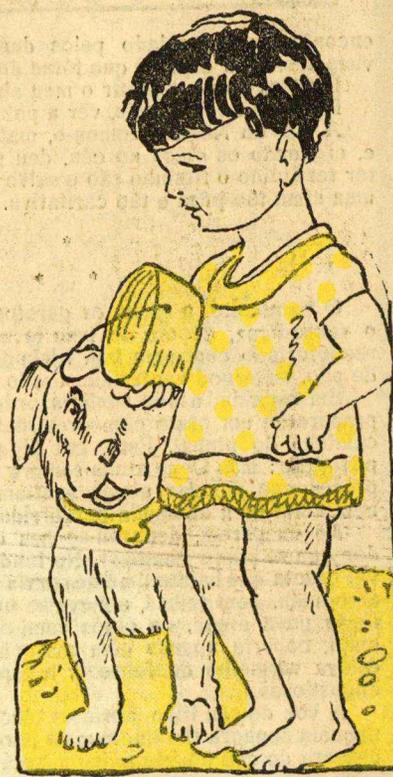
Não vendo o perigo que corria e o que, de mal, lhe poderia acontecer, foi-se afastando da praia, até que, em dado momento, uma onda, mais forte embrulhou-a!

Ninguém reparara no que acontecera! Todavia, o latido forte do «Pimpão» despretara a atenção das pessoas que se encontravam na praia.

E, abeirando-se dele, repararam que, na direcção em que o animal ladrava um vulto se embrulhava nas ondas.

Era Isabelinha!...

Retirada da água, e atordoada, Isabelinha foi levada para casa, onde seu pai ainda ignoravam o que lhe sucedera. Reanimada mas bastante aflita, Isabe-



(Continua na página 7)

A FUGA DOS TRÊS PRETINHOS

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



O seu susto foi grande quando toparam, logo à saída, o dono da casa, com uma lanterna que os iluminou em cheio.

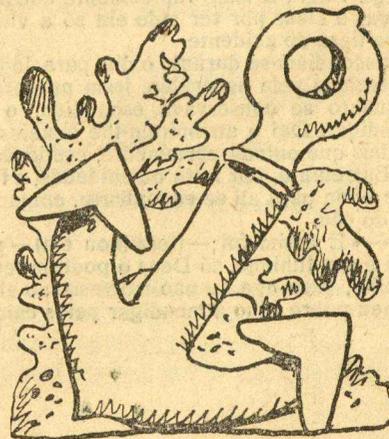
— «Que diacho de atrevimento é este, suas caras sem vergonha?» — exclamou o homenzinho perdido de riso, ao vêr os três moleques todos emporcalhados e gaguejando, muito aflitos: — «Mi sió, não se zangue nem bata nos plêto!»

Condoído, o homem disse-lhes: — «Não faço mal aos pretos, mas não de me contar como vieram vocês aqui parar.» — E, depois de ouvir a vida atribulada dos pequenos, como tinha bom coração, tomou-os ao seu serviço.

Não se arrependeu da sua caridade, porque os moleques tornaram-se uns belos criadinhos, activos e cheios de boa vontade de agradar ao bondoso patrão.

F I M

A DIVINHA



Esta primitiva âncora, que há muitos séculos se encontra no fundo do mar, entre lírios e algas, pertenceu a um navio cujo capitão era um célebre pirata. Se querem saber como ele era, procurem-o na gravura.

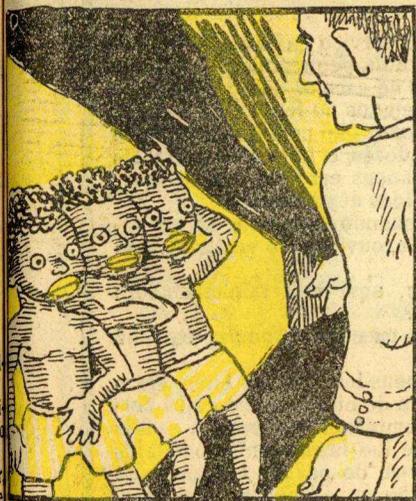
TADEU-Breu-Ventura-Noite-Escura e João Alcatrão, os três moleques da nossa história, haviam decidido fugir ao patrão que tanto os maltratava.

Ao cair a noite, num passo apressado, caminharam pela estrada adiante.

Naquela escuridão que os envolvia, tudo lhes metia medo!

Até as árvores, como sombras ameaçadoras, pareciam querer agarrar os fugitivos imprudentes, com os seus ramos, sequeando braços!

A estrada seguia interminável e os pobres pretinhos, muito esfalfados, arrastavam os pés, sem forças para continuar o seu caminho.



Até que, finalmente, avistaram, ao longe, umas luzinhas, anunciando a entrada na vila.

Os pequenos, então, encheram-se de coragem e, num último esforço, galgaram aquela distância.

Quando chegaram às primeiras casas habitadas, não puderam mais!

Deixaram-se cair sobre um monte de pedras e, naquela cama dura, adormeceram, como uns bemaventurados!

Só acordaram, de manhãzinha, ao ouvir a voz arrangada dum calceteiro que lhes gritava: — «Fôra daqui, corja de meliantes! Tições mais negros que carvão! As pedras são para estradas e não para cama de malfeitores!» — Esfregando os olhos estremunhados, com as pernitas a tremer, os três pretinhos, julgavam ouvir em sonhos a voz do terrível patrão que, também assim, os acordava tôdas as manhãs!

Sem saber o rumo que haviam de tomar, encaminharam-se para uma casa em obras, mesmo à beira da estrada.

Quando os operários chegaram, começando a sua faina de acarretar vigas de madeira para cima e para baixo, já eles se tinham encolhido por detrás duns montes de madeira, para que não dessem por êles.

A' tardinha, quando os operários abandonaram o trabalho, os moleques viram uma criada chegar ao jardim e deixar, perto da casa do cão, um prato de comida.

Aquele cheirinho a sopas, fazia-lhes crescer água na boca!

Há que horas não comiam!... Tinham tanta fome!...

Por sorte, o dono da casa foi buscar o cão para sair com êle.

Então, o Tadeu-Breu avançou, pé ante pé, trouxe o prato da comida do animal e os três esfomeados lamberam com delícia o que a Providência lhes enviara!

Como era já noite, tinham de pensar onde haviam de dormir e o Ventura-Noite-Escura lembrou-se do patamar da escada, onde os operários tinham deixado aparas de madeira.

Ali fizeram uma caminha e estavam tratando de se deitar, quando o João-Alcatrão, muito medroso, disse baixinho para os companheiros: — «Abre o «óio» que vem gente!» — Efectivamente, era o dono da casa que recolhia com o seu cão.

Da porta, gritou para a criada: — «Não deixes entrar o Piloto por causa do alcatrão! O pátio está alcatroado de fresco e o animal estraga o soalho com as patas sujas.» — «Depois, (resmungou ainda) — Que noite escura! Está como breu!»

Escondidos, entre as aparas, os pretinhos julgaram chegada a sua última hora! Tinham dado com êles, pela certa!

Até lhes sabiam os nomes! E, tremendo como vimes, esperaram o castigo que devia ser alguma terrível carga de pau!

Mas o homem passou por êles e entrou em casa, deixando a porta entreaberta para o jardim.

Tudo recaiu num grande silêncio e os moleques respiraram aliviados.

No entanto, o dono da casa, ao passar pelo patamar, virá uns vultozinhos deitados nas aparas de madeira.

Intrigado, pôs-se de ouvido à escuta, por detrás da porta e, daí a bocado, ouviu uma vozinha ciciar: — «Destá, escapou os plêto, mas deve ficar mais plêto!»...

Entretanto, combinaram procurar no jardim qualquer recanto mais seguro e, de mãos dadas, encaminharam-se para lá.

A UNIAO FAZ A FORÇA PARA OS MENINOS COLORIREM

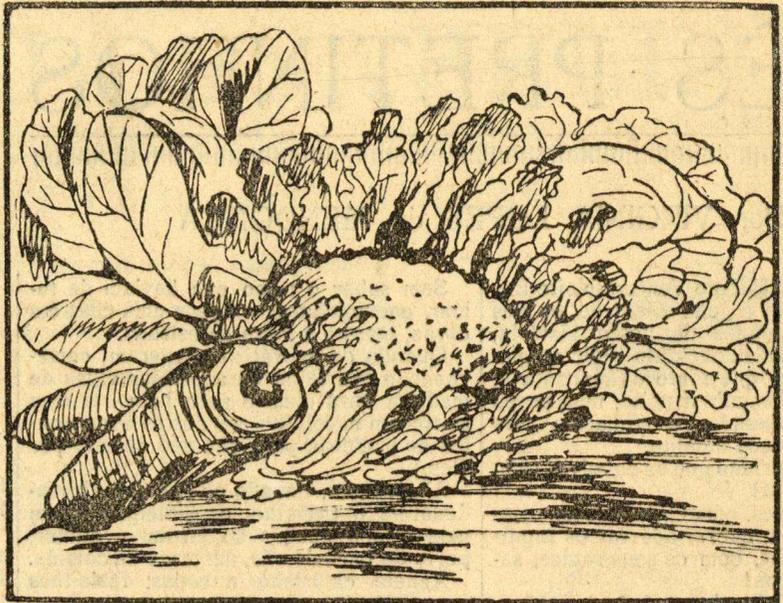
(Continuação da página 3)

manda os galinhos formar;
dá ordens e contra ordens,
faz tudo bem caminhar.

E tôda essa bicharia,
vinda com más intenções,
ao ver,
assim, tal poder,
câla-se logo, e a paz
volta de novo a reinar,
sem haver mais discussões.

Quando o coelho Magriço
fez de todos a chamada,
começando a votação,
não houve bicho nenhum
que à ordem se recusasse
ou que dissesse que não.

Eis aqui uma verdade
que já meu avô dizia:
A seguir à tempestade
vem risonha calmaria.



QUEM DÁ AOS POBRES... (Continuado da página 3)

Um dia, resolveu deitar-se ao caminho em busca de terra onde houvesse trabalho melhor remunerado; e com seu filho e a trouxa dos pequenos trapos, ela veio por êsses caminhos pedindo trabalho em troca da malga de caldo ou um pedaço de pão, pois lhe repugnava pedir esmola. Dormiam onde calhava... Outro dia, chegaram em frente de um luxuoso palacete, onde se lhe afigurou devia haver trabalho para muitos braços, pois, anexo a êste, viam-se grandes campos a perder de vista.

— «E se ali a aceitassem e ao seu filho?...»

Olhou, através do portão entre-aberto, para o grande parque que ladeava o palacete. Eis senão quando, sem que ela tivesse tempo de fugir, salta de lá um enorme cão de guarda que lhe crava uns dentes afiados como lâminas. Aos gritos da infeliz, ninguém acudiu, certamente por se acharem longe os habitantes, e o cão, não contente com isso, ainda lhe esfarrafa as roupas, tendo a desgraçada que segurar êsses farrapos com as mãos para cobrir a sua nudês. Fugiu o mais rapidamente que pôde, não sem dar graças a Deus por ter sido ela só a vítima, pois seu filho saíra ileso do acidente.

Escondiam-se durante o dia, para, logo que anoitecesse, protegidos pela escuridão, irem procurar novo refúgio, e enquanto se conservava escondida, o seu Joãozinho ia mendigar. Daí o atribuírem-lhe aqueles maus rapazes, os roubos que outros, certamente, praticavam.

Entretanto, por falta de cuidados, a ferida infectara-se-lhe e ela para ali se encontrava, contando só com o auxílio do céu.

— «E assim foi;—(terminou ela)— pois que êste anjo que é seu filhinho, só Deus o poderia ter mandado em meu auxílio, para que eu não morresse ao abandono, deixando o meu pobre filho a mendigar pelos caminhos.

A pôbrezinha foi transportada num carro para casa dos seus desvelados protectores, e tratada cuidadosamente pelo marido da excelente senhora que era médico e regressara, nêsse dia, à sua casa de campo, da qual se ausentava, às vezes, para a cidade onde tinha numerosos afazeres.

Depois de curada, ficou ao serviço da casa, sendo tratada como pessoa amiga. Os dois pequenitos foram bons companheiros nos brinquedos e na escola. Sôbre a mesa de estudo, os cabelos escuros anelados do Néca misturavam-se com os aneis louros do Joãozinho com a mesma doce camaradagem dos seus possuidores, e, à parte as habituais escaramuças de tôdas as crianças em idade de brincar, foram sempre os melhores amigos dêste mundo.

Poucos anos decorridos, quando a família se encontrava no seu palacete da cidade, ouviram no vestibulo uma voz que se d'rigi-a ao criado:

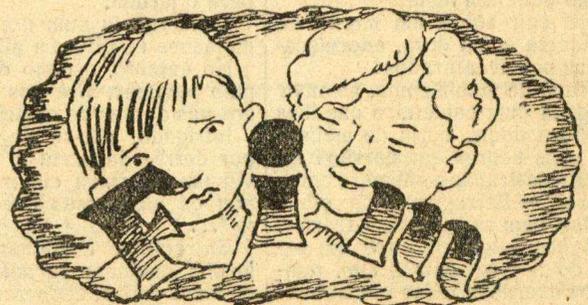
— «Si não me enganaram, aqui está minha sinhora < Maria Jacinta e meu minino? »

Será que já não estão, mesmo? Procuo êles há tempo...»

Escusado será dizer aos meus leitorzinhos quem era o homem. A julgar pela corrente de oiro maciço cujos berloques lhe enfeitavam a proeminência abdominal e dois dentes igualmente de oiro que lhe luziam entre os lábios tostados, já adivinharam tratar-se do pai do Joãozinho de regresso do Brasil e rico. Não se esquecera dos seus, embora nunca tivesse dado noticias suas. E' que não sabia ler nem escrever (vejam que infelicidade) e não desejava confiar a sua vida a qualquer. Foi uma felicidade para todos naquela casa, ficando sempre amigos.

Mais tarde os filhos seguiram o exemplo dos pais e nunca lhes faltaram os meios com que pudessem praticar o bem.

Quem dá aos pobres, empresta a Deus.



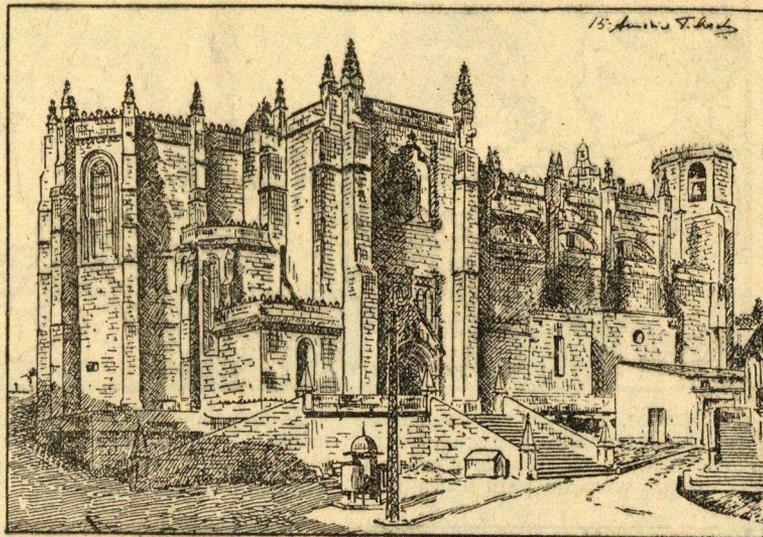
REFERÊNCIA AUXILIAR

É este monumento a catedral duma linda cidade das Beiras que, segundo a Tradição, foi fundada por el-rei D. Sancho I. Foi em 1202 que o Papa Paulo III lhe concedeu a dignidade episcopal, chegando a ser uma das dioceses mais importantes do reino.

A Sé começou a ser construída no reinado de D. João I e foi terminada no de D. João III. Anteriormente a esta, existiram mais duas: a primeira começada por D. Sancho I e concluída por D. Afonso; a outra concluída no reinado de D. Pedro I, e demolida por D. Fernando I. Nada têm com a actual.

A arquitetura deste monumento obedece ao estilo gótico e é ornada de mármore e talha dourada. Nêle repousam os restos mortais de alguns bispos.

CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



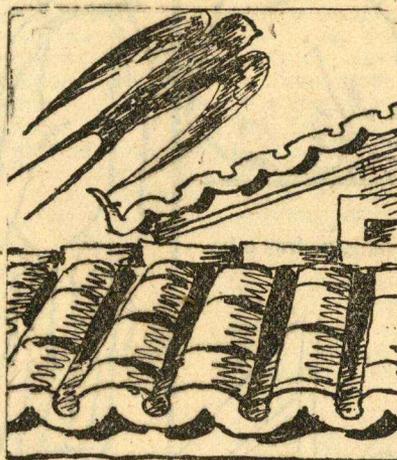
COMO ÉSSE TELHADO...

Por LAURA CHAVES

«Ping, ping, ping, ping...»
cai a chuva no telhado.
«Ding, ding, ding, ding...»
diz este mal humorado:
— Que chuva tão maçadora!
Vá-se embora! Vá-se embora!

«Ú! U! U! U!...»
sopra o vento no telhado.
— És tu? És tu?
diz este mal humorado:
— Que vento arrelizador!
Vai-te embora, que é melhor!

«Ze... Ze... Ze... Ze...»
cai o sol sobre o telhado.
«Re... Re... Re... Re...»



diz este mal humorado:
— Que sol quente, que calor!
Vá pôr-se, se faz favor!

«Floc, floc, floc, floc...»
cai a neve no telhado.
«Toc, toc, toc, toc...»
diz este mal humorado:
— O' neve, que destrambelho!
Vai-te, que me fazes velho!

«Cui, cui, cui, cui...»
Chega a andorinha ao telhado.
— Aqui, aqui!
diz este bem humorado:
— Faz teu ninho! Faz teu ninho!
que eu gosto do teu carinho!

UMA DIABRURA DA ISABELINHA (Continuado da página 4)

belinha ouviu, chorando, os raios que o pai lhe deu, censurando-a por lhe ter desobedecido, e não fazer o que lhe recomendavam constantemente.

Agora, para seu castigo, os pais voltariam mais cedo da praia e para lá não iriam mais.

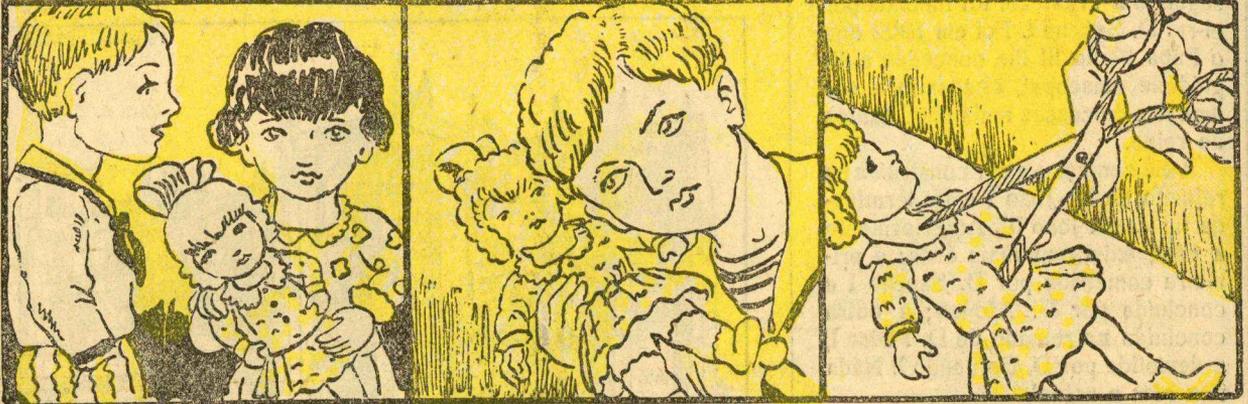
Apenas o «Pimpão», que salvara com a sua inteligência a sua amiguinha, teve um dia de felicidade. Comeu do melhor que havia e, indiferente às carícias que lhe faziam, estendeu-se ao sol, adormecendo...

No dia seguinte, Isabelinha, com grande mágoa, contemplava, do terraço da sua casa, o Mar de que ela tanto gostava e do qual era afastada como castigo à sua desobediência.

Eu conheço, afinal, muitas pessoas que, como este telhado, lhes apraz terem, da vida, só as coisas boas... e não querem sofrer as coisas más.

F I M

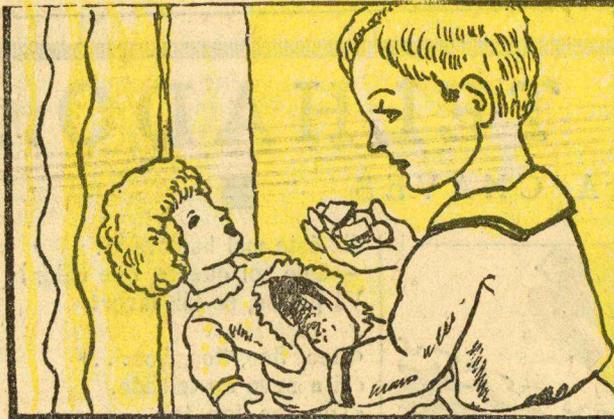
Carlitos operador



I—Carlitos, a quem sua irmãzinha Lena declara ter adoecido gravemente a boneca Mimi, resolve pôr à prova a sua grande vocação para a cirurgia.

II—Depois de a auscultar devidamente, Carlitos, com modo grave, declara-lhe que tem de fazer-lhe uma urgentíssima operação.

III—Munido-se, acto contínuo, dos necessários aparelhos cirúrgicos, abre a barriguinha da boneca, com uma grande tesoura, e tira-lhe a serradura que tem dentro:



IV—enchendo-a de areia molhada, pedras e bagos de chumbo.



V—Em seguida, com alguns «pontos naturais», cose-a com uma agulha de enfardar.



VI—Por fim, considerando-a livre de perigo, diz à sua irmãzinha que lhe pegue ao colo, acrescentando com manifesto orgulho:—«Que tal?... Está tão bem, que até já aumentou de pêso!».